



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

RAMIRES VIEIRA GOMES

A VELHICE NO CONTO “O VIOLINO”, DE LUIZ VILELA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

RAMIRES VIEIRA GOMES

A VELHICE NO CONTO “O VIOLINO”, DE LUIZ VILELA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633v Gomes, Ramires Vieira.
A velhice no conto " O violino" de Luiz Vilela [manuscrito] : /
Ramires Vieira Gomes. - 2018.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Conto. 2. Sociedade. 3. Velhice. 4. Abandono.

21. ed. CDD 305.26

A VELHICE NO CONTO “O VIOLINO”, DE LUIZ VILELA

RAMIRES VIEIRA GOMES

APROVADO EM: 15 de junho de 2018.

Vaneide Lima Silva

Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Anderson da Silva Braga

Anderson da Silva Braga
Examinador Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

Dedico este trabalho a minha eterna e amada vovó Maria, *in memoriam*, que sempre almejou minha felicidade e impulsionou minha formação acadêmica; mesmo não alcançando fisicamente esta vitória em nossas vidas, dedico-lhe toda minha alegria de concluir este trabalho que dentre outros aspectos trata do quanto devemos amar os idosos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por mostrar que a cada dia surgem oportunidades que provam sua fonte inesgotável de poder ilimitado, eficaz, acionado pela minha fé, me proporcionando a realização deste trabalho.

À esta Instituição de Ensino, de forma geral, pelo ambiente criativo e amigável que proporcionou momentos de aprendizado, primando e conservando os valores principais à Educação.

À minha orientadora Vaneide Lima Silva, a qual eu tanto estimo e considero em minha vida, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, por suas correções e incentivos.

Aos que compõem a banca examinadora, Maria Fernandes de Andrade Praxedes e Padre Anderson da Silva Braga, pessoas excelentes e que fazem parte da minha vida de forma valorosa.

Agradeço a minha mãe Leonila, amiga, companheira, heroína que sempre me deu apoio, incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço.

Meus agradecimentos aos colegas, amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fazem parte da minha vida, de minha formação e que vão continuar contribuindo para formação de meu caráter.

Agradeço enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“O cabelo grisalho é uma coroa de esplendor, e obtem-se mediante uma vida justa”.

Provérbios 16: 31.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE LUIS VILELA | 12 |
| 1.1 APRESENTANDO A COLETÂNEA <i>O VIOLINO E OUTROS CONTOS</i> | 14 |
| 2 SER VELHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: definindo a velhice e discutindo o lugar do velho na sociedade atual | 16 |
| 2.1 A SOLIDÃO NA VELHICE | 20 |
| 3 O VELHO EM LUIZ VILELA: analisando o conto “O violino” | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS | 33 |

RESUMO

O conto “O violino”, de Luiz Vilela, (1992) se volta basicamente para o ser humano na medida em que retrata o encontro de um menino com sua tia já idosa e esse encontro provoca uma mudança radical na vida de “tia Lázara”, pois favorece a retomada do gosto pela música e a satisfação da senhora em tocar um antigo violino que o menino encontra no porão da casa onde vivem. Sendo assim, ao colocar como protagonista uma senhora de idade, que vivia isolada dos demais entes da família, podemos dizer que através da imaginação do autor a narrativa nos possibilita uma reflexão em torno da velhice, socialmente ainda marginalizada, fazendo, assim, um elo entre a literatura e as questões que marcam a sociedade atual. Desse modo, objetivamos analisar os personagens principais desse conto, procurando refletir sobre a condição de exclusão em que se encontra o velho na sociedade contemporânea, marcadamente capitalista, que o coloca na condição de estorvo, restando-lhe apenas ou exclusivamente o abandono. Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, que do ponto de vista metodológico se fundamenta na pesquisa de base bibliográfica. Para tanto, recorreremos a estudos em torno da vida e da obra do autor, bem como pesquisas já realizadas acerca da obra de Luiz Vilela, além de trabalhos sobre a velhice, a exemplo de estudos como os de Bosi (1994). Sobre Vilela e sua obra, foi indispensável à leitura de Neves (2017), Oliveira (2014), Rodrigues (2012), dentre outros. A análise do conto demonstra a imagem do idoso como alguém que busca refúgio na solidão ou no abandono, levado pela situação de desvalorização e inutilidade ofertada pela família e sociedade.

Palavras-chave: “O Violino”. Luiz Vilela. Velhice. Abandono.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura é um dos meios mais eficientes de formar cidadãos, e a literatura, parte intrínseca desta formação, é uma das mais belas formas da expressividade humana. Sua função social permite o gosto pelas artes, cultura e conhecimento de si mesmo, pois tem o poder de expressar os sentimentos do homem, merecendo, desta forma, a importância e a valorização da sociedade enquanto manifestação artística.

Apesar de integrar o currículo escolar desde a educação básica, a leitura do texto literário ainda não é vivenciada de maneira satisfatória no ambiente escolar, de modo que podemos afirmar que a escola não vem formando leitores de Literatura. Temos uma diversidade de autores e obras, mas ao ingressar na universidade para cursar Letras ainda é muito comum se constatar a inexperiência ou pouco contato com os clássicos da nossa historiografia literária. Sendo assim, acreditamos ser importante a realização de trabalhos que favoreça a discussão de obras atuais e relevantes para a formação da história de leitura dos alunos em formação. Partindo dessa constatação, verificamos que a leitura em torno da obra de autores contemporâneos como Luiz Vilela possibilita uma reflexão social acerca da condição humana, contribuindo, assim, para o despertar de uma sensibilidade que a realidade atual vem cada vez mais desprezando, em prol da tecnologia que desumaniza o homem.

A leitura do conto “O violino” nos permitiu uma reflexão em torno da condição marginalizada do velho em nossa sociedade, a quem só resta a solidão e o abandono, uma vez que, ao deixar de produzir, o velho passa a não mais interessar ao sistema capitalista que impera no país. Ao entrar em contato com um menino e sua tia idosa, a narrativa provoca uma reflexão e, ao mesmo tempo, sugere um olhar diferente para o velho, não tão somente no sentido de envelhecer, mas sobre a sua memória e importância na construção da sociedade, dado que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória dos idosos. Embora não sejam mais propulsores da vida presente de seu grupo social, os idosos tornam-se então memória da família, do grupo e da sociedade, valendo ressaltar que os mesmos já foram protagonistas de suas histórias, mas quando não se valoriza a função social

destes, como acontece correntemente, há um esvaziamento e uma desvalorização dessa etapa da vida.

A experiência da personagem Lázara descreve muito bem a figura do idoso esquecido, abandonado na solidão de um quarto, sem protagonismo, e que, pela astúcia de uma criança faz com que ela sintasse-se mais uma vez útil para o meio em que vive, no entanto, essa contribuição é desfeita pela criticidade negativa e desestímulo da família para com a personagem.

O envolvimento da Tia Lázara com o violino foi tão intenso que, metaforicamente, ela e o objeto formavam um único corpo, e o menino continuava como peça fundamental e contribuinte dessa mudança, o que fez a família agir de tal maneira ao ter conhecimento da permuta que a mesma havia passado.

Do momento em que a personagem reencontra o instrumento musical até o final do conto, a família demonstra-se insatisfeita, com expressões de que tudo aquilo era insignificante e que ela deveria mesmo ficar onde estava: dentro de um quarto costurando. O desinteresse da família com o estado de espírito da personagem Lázara, se revela desde o primeiro momento em que a mesma “ressuscita” ao encontrar o instrumento.

Embora fosse uma mulher de meia idade, Lázara ainda tinha seus dotes na arte através da música, porém, abdicou de tudo para apenas costurar levando uma vida simples e solitária. Quando ela volta a tocar o instrumento musical, vai contra a vontade da família, e se arrisca a dar um concerto na cidade, só ela e o violino, entretanto, a falta de apoio da família e a incredibilidade dada pelo público faz com que o espetáculo fracasse. A família até reconhece o talento de Lázara, mas acredita que, por ela já não ser uma mulher jovem, ninguém lhe dará atenção, muito menos prestigiará o espetáculo. Ou seja, a preocupação não é com a competência da artista, mas com sua aparência, julgamento do público ou simplesmente por avaliar que a personagem já não tem mais necessidade de se envolver com a música em função da sua idade. Após se aventurar por alguns dias com o violino, Lázara o abandona novamente e segue sua vida pacata e rotineira, o que parece conveniente para a família.

O interesse pelos personagens principais do conto de Luiz Vilela, em especial tia Lázara, suscitou o desejo de analisar mais detidamente essa

narrativa, centrando a atenção nos personagens principais desse conto e procurando responder às seguintes questões: De que maneira a velhice é retratada no conto? O que leva o idoso a se colocar em estado de solidão? Que aspectos ou passagens são comparados ou podem ser comparados ao tratamento dispensado à velhice nos dias atuais?

A busca por respostas a essas perguntas motivou a procura por trabalhos que discutissem a função social, a participação e os direitos dos idosos, como forma de entender essa fase da vida. Por isso, recorreremos ao seguinte referencial teórico na tentativa de fundamentar de maneira mais consistente o trabalho, sendo indispensável a leitura de estudo como os escritos de Bosi (1994), Constituição Brasileira (1988, *apud* Brasil 2003), Estatuto do Idoso (2003 *apud* Brasil 2003), Política Nacional do Idoso (1994 *apud* Brasil 2003), dentre outros. Assim como se tratam de trabalhos acerca do idoso e da obra de Luiz Vilela, podemos caracterizar o nosso estudo como de base bibliográfica, segundo o qual se realiza através da pesquisa a livros, artigos científicos e sites da internet, ou seja, desenvolvida mediante material já elaborado, sobretudo em livros e científicos, conforme define Gil (1999).

Nesse sentido, foi de grande valia o conhecimento prévio e levantamento bibliográfico para organização do trabalho, tendo início com uma breve apresentação da vida e obra do autor Luiz Vilela. Nesse tópico, detalhamos suas principais obras e temas recorrentes trabalhados por ele. Em seguida, discorreremos sobre a velhice na contemporaneidade, definindo-a e discutindo o seu lugar na sociedade atual, partindo principalmente das situações de solidão na velhice segundo dados do Estatuto do Idoso, pesquisa em obras e a vivência com o público alvo da experiência que o pesquisador desenvolve na cidade de Brejo do Cruz, através do Centro de Referência da Assistência Social, mantido pela prefeitura da cidade em parceria com o governo federal. Por fim, desenvolvemos a análise do conto “O violino”, centrando a atenção na descrição do seu enredo e, num segundo momento, identificando e caracterizando a personagem Lázara, alvo principal da exclusão na terceira idade que o conto aborda.

Vale ressaltar que o gosto pela temática do conto em questão não surgiu de forma aleatória: advém possivelmente da experiência de trabalho desenvolvida junto aos usuários participantes dos programas ofertados pelo

CRAS em Brejo do Cruz - PB, bem como a saudade ocasionada pela perda de avó materna do pesquisador, que fora essencial para sua formação infanto-juvenil e que impulsionou o anseio de estudar para concluir minha graduação.

A vivência com os idosos tem sido de grande aprendizado: o contato com eles nos faz perceber o valor que trazem consigo através de suas experiências passadas, principalmente quanto às diferenças no modo de educar, de respeitar, de devoção e demais costumes que vem sendo perdidos ao longo do tempo. A produção deste trabalho nos possibilitou uma reflexão em torno dos nossos familiares idosos; de todos que foram esquecidos e abandonados em hospitais ou casas de repouso ou aqueles que sofrem com o desprezo de seus próprios familiares e da sociedade.

A partir de toda essa experiência, que por sinal tem sido produtiva, nos sensibilizou um olhar mais humano, mais amoroso para com os idosos, percebendo que ser idoso é ter vivido todos os momentos, tanto bons quanto ruins, e ouvir seus depoimentos das inúmeras provações e o orgulho de ter conseguido superar todos os obstáculos que surgiram e ainda vão surgir pela frente torna ainda mais gratificante a nossa experiência. A realização deste trabalho suscitou ainda uma análise acerca do abandono e da solidão na velhice, nos levando a entender com mais propriedade a necessidade de um direito a uma fila prioritária ou da importância da gentileza de ceder o assento a um idoso. Atualmente, no nosso cotidiano, pouco nos sensibilizamos com tais situações, ou sequer nos pomos no lugar da realidade que acontece até mesmo com nossos familiares. Sendo assim, podemos afirmar que a Literatura cumpre uma função social: a de fazer refletir nossa postura, nosso posicionamento diante de situações do dia a dia, daí a importância que esta assume na formação humana.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE LUIZ VILELA

Nascido em 1942, Luiz Vilela, criado numa família em que todos liam muito e numa casa que havia muitos livros, começou a escrever aos treze anos pequenos contos para os jornais de sua cidade, Ituiutaba-MG. Sempre fora interessado na discussão das grandes questões filosóficas, aos quinze anos foi para Belo Horizonte estudar Filosofia, traço que marca bastante muitos de seus textos.

A estreia do referido autor na Literatura se dá em 1967, quando publica um volume de contos intitulado *Tremor de terra*, que lhe rendeu o Prêmio Nacional de Ficção e no qual se debruça sobre as contradições da alma humana. São contos densos, de atmosfera opressiva, e, às vezes, trágicos, que tratam das dificuldades de relacionamentos entre seres, sua solidão e perplexidade diante de si mesmo e dos outros.

Em 1968 publica *No bar*, considerado um dos seus melhores livros, em que também persegue o clima da ansiedade e dos sonhos desfeitos. Com um estilo conciso e despojado, Luiz Vilela explora a desmistificação de determinados conceitos convencionados pela sociedade e realiza, em alguns contos, experimentos de linguagem e estrutura. Transferindo-se logo em seguida para os Estados Unidos, em 1969 percorreu vários países da Europa, fixando residência por algum tempo na Espanha.

Segundo notas contidas num encarte que acompanha a publicação da coletânea *O violino e outros contos* (1992), verificamos que desde então sua produção literária foi intensa. Em 1970 lança novo volume de contos, *Tarde da Noite*, e em 1971 publicou seu primeiro romance, *Os novos*.

Em 1973 arrebatou o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro com *O fim de tudo*, coletânea de contos na qual o escritor mineiro faz uma denúncia contra a destruição sistemática da natureza. Seu segundo romance, *O inferno é aqui mesmo*, veio a público em 1979, lançado no mesmo ano que *Choro no travesseiro* (novela).

Em 1982 escreveu *Entre amigos*, história em que, como o próprio nome sugere, desvenda um grande diálogo entre amigos. Neste romance, o escritor mostra os dramas vividos por uma cidade do interior em busca do progresso, na qual as pessoas abdicam de sua humanização e de seus valores morais e

reafirmando a constância de sua temática: o ser humano em situações triviais, desvendando seus pontos sensíveis.

Luiz Vilela é um escritor que se volta basicamente para o ser humano, pintado da banalidade de seu cotidiano e às voltas com seus sonhos e frustrações, seus momentos de angústia e felicidade.

Ainda segundo as notas do encarte mencionado, vimos que o autor parte da construção de cenas comuns e da descrição de conversas e gestos corriqueiros, procurando extrair toda carga dramática que um coração humano pode abrigar, bem como a hipocrisia na sociedade que rejeita comportamentos não convencionais.

Enfim, podemos dizer que Luiz Vilela demonstra se voltar para temas universais e perenes, recriados através de vivências anteriores e filtrados pela imaginação, destacando-se por seu estilo próprio, ao ponto de ser considerado hoje como um dos melhores contistas nacionais.

Os contos que compõem a antologia *O violino e outros contos*, que veio a público em 1989, foram extraídos, pela ordem, das seguintes obras: “O Violino” e “Enquanto dura festa”: *Tremor de terra* (1980); “Um caixote de lixo” e “Andorinha”: *No bar* (1984); “Um peixe” e “Amor”: *Tarde da noite* (1988); “A volta do campeão” e “Causa perdida”: *O fim de tudo* (1973) e “Escapando com a bola” e “Boa de garfo” de *Lindas pernas* (1979).

Ainda no ano de 1979, há o lançamento de um novo romance, *O inferno é aqui mesmo* e de uma novela, *O choro no travesseiro*. No ano de 1989, lançou-se o romance *Entre amigos*; no ano de 1994 publicou-se a novela *Te amo sobre todas as coisas*; em 2002 é publicada a coletânea de contos *A cabeça*; e destacamos ainda o lançamento da novela *Bóris e Dóris*, em 2006.

Entre os anos de 1978 e 2005 são publicadas, por diversas editoras, onze antologias de contos, dentre as quais *Os melhores contos de Luiz Vilela*. O escritor mineiro também foi premiado no I e II Concurso Nacional de Contos, do Paraná. Em 2000 o conto *Fazendo a barba* foi incluído na antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século* e, finalmente, na atualidade, Luiz Vilela é alvo de constantes estudos de natureza acadêmica, no Brasil e no exterior.

Muitos foram os estudos sobre a sua obra nas universidades brasileiras, com alguns trabalhos também no exterior. Destacam-se por exemplo, *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*, de Wania Majadas, lançado em

2000, e em 2012, Minas Gerais, a tese de doutorado *Faces do conto de Luiz Vilela*, de Rauer Ribeiro Rodrigues, defendida na Unesp em Araraquara.

Seus contos, romances e novelas já foram publicados em vários países, como Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suécia, Polônia, República Tcheca, Argentina, Paraguai, Chile, Venezuela, Cuba e México. Como visto, além das publicações do exterior, Vilela teve algumas de suas produções adaptadas para o cinema, teatro e televisão.

1.1 APRESENTANDO A COLETÂNEA *O VIOLINO E OUTROS CONTOS*

Dez contos compõem a coletânea *O violino e outros contos*, os quais giram em torno de temas universais recriados através de vivências anteriores e filtrados pela imaginação do contista Luiz Vilela, que com seu estilo próprio os reuniu a partir de construções de personagens que passam por mudanças bruscas ou não de seus sentimentos, evidenciando sempre a sociedade e os seus problemas de relacionamento humano, apontando a hipocrisia de um povo que rejeita comportamentos não convencionais e que trazem em si conflitos emocionais. É possível também enxergar em alguns dos contos a exploração de humor, no entanto, põe-se maior ênfase na contestação de valores impostos pela sociedade e os enfrentamentos emocionais do ser humano em seu relacionamento com o próximo.

Trata-se de um autor cuja obra já motivou a realização de vários estudos acadêmicos, a exemplo do artigo científico publicado por Ferreira (2008), intitulado *Humanismo e Ironia nos contos de Luiz Vilela* que busca contextualizar a inter-relação das temáticas, tendo em vista a composição das personagens, avaliando os confrontos e sentimentos negativos expressados pelos mesmos – pessimismo, insatisfação, desconforto – temas que são sempre recorrentes nas obras do contista.

Era aqui, ficção e sociedade em um conto de Luiz Vilela, publicado por Rodrigues (2012) buscou confrontar a narrativa à imagem que antecede o conto, explicitando o contexto de publicação. A narrativa suplementa a foto antiga e integra a ela, oposição complementar de uma narrativa que faz do

amor o antípoda ao referente histórico-social, expondo a vaidade política que se eterniza no Brasil.

Ainda no ano de 2012, Cerezoli publica o trabalho *A morte em Luiz Vilela: “Enquanto dura a festa”*, discutindo a questão da pornografia da morte, bem como apresenta de que forma, por meio da figuração de elementos de uma cena cotidiana tal como o velório, o autor discute a temática da hipocrisia humana.

Destacamos ainda o artigo *Encenações do trauma: leitura de O violino, de Luiz Vilela, e de Cantiga de esposais, de Machado de Assis*, em que o autor, Oliveira (2014), desenvolve algumas reflexões sobre trauma, literatura e música tendo como foco de análise o conto *O violino*, de Luiz Vilela, e *Cantiga de esposais*, de Machado de Assis, partindo de categorias como fracasso da linguagem, Real e irrepresentável.

No ano de 2015 foi publicado, por Amaral e Souza, o trabalho intitulado *O tema da evasão em contos de Luiz Vilela* que buscou indicar o caráter duplo dos contos que tratam o desejo de evasão que se estrutura na oposição temporal tanto entre passado-presente quanto entre presente-futuro.

Também encontramos um trabalho publicado em 2017, por Neves, com o título *A simbologia dos nomes em Tremor de Terra, de Luiz Vilela*, o qual busca analisar o primeiro livro de contos do escritor destacando a nomenclatura das personagens nos contos de maneira que não foram escolhidos de forma aleatória, constituindo-os de signos dispostos de significado.

É perceptível em todos os trabalhos uma consonância quanto à crítica e estudo das temáticas trabalhadas por Luiz Vilela, uma vez que todos os pesquisadores enxergam nas obras as identidades das personagens inseridas em uma sociedade que é tida sempre como desumana, que retrata acontecimentos banais ou conflituosos da realidade escondidos nas emoções das personagens em seus pontos mais sensíveis: medo, sonhos e desejos.

2 SER VELHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: definindo a velhice e discutindo o lugar do velho na sociedade atual

O tema da velhice aparece discutido em uma obra fundamental do século XX que busca registrar as vozes, as vidas e os pensamentos das pessoas que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Essa memória registrada pela autora é também uma memória social, familiar e grupal, de maneira que é possível visualizar uma história social bem desenvolvida, em que os participantes já atravessaram um determinado tipo de sociedade com características bem marcadas e conhecidas, viveram seus momentos familiares e culturais também característicos da época e relatam a lembrança de um passado vivido que é a substância da sua vida.

A reflexão acima citada é feita por Ecléa Bosi na obra *Memória e Sociedade* (1994), na qual a autora afirma que o momento da velhice talvez se inicie quando o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser protagonista da vida presente do seu grupo, tendo agora a única função de lembrar, a de ser memorial da família, grupo, instituição e sociedade.

Reunindo oito pessoas idosas, que são maiores de setenta anos de idade, naturais da cidade de São Paulo, a autora entrevista e expõe as vozes da lembrança dos velhos que encontravam-se engavetadas e com suas presenças amortecidas. A medida que os velhos contam suas histórias, a autora envolve-se ainda mais pelo drama vivido por eles. Segundo Bosi (1994, p. 38):

Nessa pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo que como um instrumento de receber e transmitir suas lembranças.

Um dos momentos mais ricos dessa obra registra as falas dos entrevistados – obviamente velhos, cujo relato é revelador do quanto eles foram postos à margem da ação, e rememoram fatigados da atividade que desempenhavam. A autora, em sua obra, ainda procura responder ao seguinte questionamento: “qual a forma predominante de memória de um dado

indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar” (BOSI, op. cit. p. 68). Para tanto, confirma-se que:

‘A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.’ (STERN, *apud* BOSI, 1994, p. 68)

Um dos exemplos citados pela autora é o de Dona Alice, que relembra o seu tão sofrido caminho até chegar à velhice. Aos três anos seus pais se separaram e ela vai morar junto da mãe que trabalhava nas casas de pessoas importantes da época. A mesma relata que “a vida era muito sofrida” (*apud* Bosi, 1994, p.96). Em seu depoimento, ela diz que não recorda ter tido brinquedos, ou até mesmo ter vivido uma infância propriamente dita, visto que aos dez anos já havia começado a trabalhar numa oficina de costura, aos doze anos mudara para outra oficina ganhando mais um pouco, porém, passava quase o dia inteiro sem alimentar-se, e muitas das vezes sequer jantava. Chama-nos a atenção a devoção e fé de Dona Alice que mesmo nas dificuldades não deixava-se esquecer da vivência na Igreja, a busca pelos sacramentos e participação na vida da comunidade.

Depois de um tempo, casou e teve filhos. Sempre costurou para a família como também cozinhou, mas depois que seu marido morreu trabalhou muito fazendo arranjo de flores artificiais para vender. Outra fala da Dona Alice que emociona e que torna até um pouco contraditório o seu relato sofrido é que mesmo recordando “os serões em que trabalhava em criança, quando não jantava, aqueles pedaços de princípios da minha vida, gosto de ficar recordando, não sofro por causa dessas coisas que vou lembrando.” Essa fala nos leva a refletir a superação, à volta por cima e o orgulho de ter conseguido vencer as dificuldades que a vida ocasionou. Em sua fala final, Dona Alice admira-se: "Quem diria que um dia eu ia abrir o livro da minha vida e contar tudo?" (BOSI, 1994, p. 480)

Refletindo sobre como deveria ser a sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem, Bosi afirma que seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem. Dessa forma, continua a reflexão da pensadora, seria preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira:

Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias tem lutado, que os grupos discriminados tem reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas os velhos não tem armas. Nós é que temos que lutar por eles. (BOSI, 1994, p. 81)

Essa exclusão da velhice segundo Ecléa Bosi é peça descartável para o sistema produtivo. A autora sugere que a defesa dos direitos dos idosos deveria ser responsabilidade de toda a sociedade, uma vez que é dela que se deve reconhecer os direitos dos idosos.

A idade avançada está preocupando e sempre preocupou o idoso, pois é, na maioria das vezes, uma etapa muito triste da vida. Há os que dizem que a dor da velhice tem por causa a solidão. Através da nossa experiência em grupos de trabalho no CRAS – Brejo do Cruz – PB, partilhamos o relato de uma senhora chamada Maria, que há menos de um ano ficou viúva e esse momento de sua vida a coloca em estado de tristeza extrema, de modo que ela só usa roupas pretas, acredita que não pode demonstrar alegria e sorrisos demasiados para que as pessoas não interpretem mal e, principalmente, sente que a ausência do seu companheiro pode contribuir para antecipação de sua morte.

É nesse caso, que aumenta a nossa responsabilidade de ajudar Dona Maria, visto que cada pessoa compreende a morte de uma maneira, uns de forma mais conformável, e outros de maneira mais intensa. Assim como a velhice em alguns casos é tratada com naturalidade e ampla aceitação, sem nenhum resíduo de mágoa ou tristeza pelo estado em que se encontra.

É certo que a pessoa envelhece em todos os sentidos e proporções: tanto biológica, quanto psicológica e sociologicamente. Mas no tocante a sociedade, deve-se acolher as diferenças e aprender com elas, buscando combater a rigidez que discrimina as pessoas segundo a idade, enaltecendo os

valores em relação à velhice, pois o idoso é o produto final dos valores que foram assumidos durante toda uma vida.

Ainda sobre a velhice na contemporaneidade, a autora Ecléa Bosi afirma que “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo sua força de trabalho, ele já não é produtor nem reproduzidor.” (BOSI, 1994, p. 77). Comprovamos essa citação nas mais variadas situações cotidianas e nas falas dos entrevistados de sua obra, dado que em suas histórias mostram a função social exercida por eles durante a vida quando trabalharam ou passaram momentos de dificuldades.

A autora narra a vida de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, o que lhes resta apenas lembrar e servir de referência para sociedade, entretanto, essa estreita relação existente entre a memória e o trabalho mostrado por Bosi em seu livro, feita através da análise da vida de seus personagens e a constatação de que a função social da velhice, nem sempre reconhecida, não deveria ser perdida. Ao contrário, Bosi não quer colocar os velhos numa situação passiva, pois enquanto eles recontam suas histórias de vida, eles ainda “fazem”, ou seja, vivem novamente o passado.

A situação do velho nos dias atuais não deve ser tida apenas como estado de reclusão e/ou abandono, uma vez que os idosos ainda assumem atitudes quase sempre positivas e construtivas e estão longe de serem pessimistas prejudiciais, como se costuma generalizar. Para tanto,

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. (BOSI, 1994, p. 82)

Nesse sentido, numa modernidade que se fala tanto em criatividade, perde-se a cultura das brincadeiras, jogos, cantos, danças. Todavia, “nas lembranças dos velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza.” (BOSI, 1994, p. 83). Relembro que na minha infância e adolescência ficaram marcas

dos ensinamentos de que minha avó nos ensinava, contando piadas, brincando de adivinhações ou cantando músicas, cantigas de roda, ensinando as primeiras orações do cristão, recordando os seus primeiros professores, colegas, amigos, recontando as dificuldades de estudar, de ajudar em casa e ter que trabalhar na roça desde pequena. Comparando a história de Dona Alice na obra de Bosi, minha avó materna Maria também prezava a devoção e fé, ensinamentos advindos de várias gerações passadas de nossa família. Esses e diversos outros valores jamais serão esquecidos, mesmo que ela já tenha morrido, pois assim como afirma Bosi, ao mesmo tempo em que buscava saber o passado dela e que ouvia sua voz, o pesquisador se tornava “sujeito” e “objeto”.

2.1 A SOLIDÃO NA VELHICE

O envelhecimento consiste em uma etapa do ciclo vital na qual o indivíduo envelhece naturalmente, alterando sua aparência física, bem como as funcionalidades do seu corpo, tornando-as precárias. Estima-se que 13% da população brasileira é constituída pelos idosos (IBGE, 2015). Pode-se dizer que a pessoa envelhece em todos os sentidos e em diferentes proporções: tanto biológica, quanto psicológica e sociologicamente. Na maioria dos casos, neste último estágio da vida, a pessoa idosa quando não recebe a atenção necessária, ela busca refugiar-se através da solidão e abandono de si própria e do mundo.

De acordo com o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público, assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 11)

Porém, se a lei promulga algo em defesa aos direitos da pessoa idosa, a realidade acontece diferente. O principal objetivo dos cuidados para com os

idosos deve ser o de mantê-los como partes integrantes da sociedade, garantindo assim uma vida participante.

Podemos citar ainda a Constituição Brasileira de 1988 que também defende em seu artigo 230 que “A família, a sociedade e o Estado tem o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida.” (BRASIL, 2001, p. 47). Já na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, criação do Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências, em seu artigo 1º encontramos a sua finalidade: “A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.” (BRASIL, 1994, p. 49).

Acerca das leis e argumentos que dispõem de como a velhice deve ser tratada, confirma-se que a teoria difere ao que diz a prática, uma vez que há esta variância de tratamento de sociedade para sociedade, como afirma Bosi (2004). A autora ainda sugere que a defesa dos direitos da pessoa idosa deveria se encontrar nas mãos de toda a sociedade, afinal, ainda segundo a autora, o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo (BOSI, 1994, p. 83). O idoso não se afasta voluntariamente do meio social em que vive porque quer. É evidente que não se isola pelo gosto de sentir a solidão e sofrer, ficando só a margem da sociedade. Quando se encontra assim, é porque foi impulsionado para tal situação. Na maioria das vezes, encontra-se sem ocupação alguma, o que é chamado pela sociedade de tranquilidade, mas por ele sentida e vivida como inutilidade.

Dado que o ser humano passa pelo ciclo vital, é certo que todos nós envelheçamos, porém, a pior maneira de envelhecer é a lamurienta, desesperada, sem haver quem assista suas necessidades. Por essa razão, há uma luta constante para muitas pessoas que estão chegando à velhice, umas até preferem morrer antes que a chegue, pelo fato do medo da morte, da solidão, do abandono, da doença e falta de assistência.

Em visita à comunidade Populares, na cidade de Brejo do Cruz – PB, encontramos com uma senhora que sempre abre um sorriso ao nos ver e que

há algum tempo não mais a víamos na Igreja. Era por volta das 12h:30min, do dia 16 de março de 2018, e em conversa conosco ela dizia o quanto estava desacreditada da vida, que preferia morrer do que viver na solidão de sua casa. Aquilo nos deixou intrigado e, por isso, questionamos se a mesma já havia almoçado, e a resposta dela era que não iria cozinhar para apenas uma pessoa e se alimentava de pipocas, pães, bolachas, coisas que são mais fáceis de serem feitas. Saímos desse encontro perguntando onde estariam os familiares nessa situação, filhos, netos, sobrinhos? Não haveria uma pessoa que pudesse intervir nessa triste situação?

Voltando ao estudo de Bosi, vale a pena lembrar o que diz quando afirma que “durante a velhice deveríamos estar mais engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significados a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo.” (BOSI, 1994, p. 80). Em contrapartida, Beauvior (*apud* Bosi, 1994, p. 80) pondera:

Se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgotada a sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou esmola. (BOSI, 1994, p.80)

A pensadora aborda a exclusão dos idosos em nossa sociedade, mas do ponto de vista de que sabia que iria se tornar um deles, como quem pensava o próprio destino. Para ela, um dos problemas da sociedade capitalista está no fato de que cada indivíduo percebe as outras pessoas como meio para a realização de suas necessidades: proteção, riqueza, prazer, dominação. Desta forma, nos relacionamos com outras pessoas priorizando nossos desejos, pouco compreendendo e valorizando suas necessidades.

A solidão é um inimigo oculto de todos os dias e de todos nós, podendo ser devastador para o ser humano em qualquer fase da vida, mas na velhice trabalha silenciosamente, toma proporções assustadoras e seus resultados são, muitas vezes, imprevisíveis. Na maioria dos casos, leva à depressão profunda nos idosos, o que representa uma ameaça à vida, leva o indivíduo a falta de convívio social e ao isolamento.

Na sociedade contemporânea, a função do sábio que aconselha e perpetua as tradições perdeu seu sentido, pois os mais jovens já não se interessam por tomar conselhos aos mais velhos. A tarefa do sábio que compartilha o conhecimento adquirido ao longo de toda uma vida foi substituída pelo acesso fácil à informação, proporcionado pelo mundo virtual. A ideia de Ecléa Bosi, que destaca a função social da velhice de compartilhar experiências por meio da memória, vem sendo cada vez menos valorizado pela família e pelo grupo.

Ainda sobre a luta diária sobre a conquista do idoso de ser útil e desempenhar um papel na sociedade que não se resume em somente ser um contador de suas histórias, a autora afirma que

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. (BOSI, 1994, p. 79).

É inevitável o processo da velhice organicamente, o que pode ser evitado é a maneira pela qual encara-se este fato. Nascemos, crescemos, passamos por uma fase de relativa estabilidade e depois declinamos, porém, esse ciclo quando chega na fase do envelhecimento, o idoso é tido como um ser inútil pela maioria das pessoas. É visto como uma pessoa que já fez o que tinha de fazer e é premiada com uma aposentadoria, em que muitas vezes receber um salário não lhe garante sequer a sobrevivência. Tiram o velho do ambiente de trabalho e o confiam a um quarto trancado, uma cadeira de balanço, um chinelo e suas lembranças. Não lhe oferecem alternativas para sair da ociosidade. Sonham-lhe o direito de continuar sendo economicamente recompensadas pelo seu trabalho, mesmo em seu âmbito familiar, e elas perdem a sensação de serem úteis, tornando-se indivíduos incapazes de desempenhar papéis socialmente produtivos.

O essencial ao idoso é o amor dos familiares. Por vezes, uma palavra de alento e afeto faz muito mais pelo idoso que qualquer regime ou medicação. Na realidade, para um homem satisfeito consigo mesmo, com a sua condição e bem relacionado com o seu ambiente, a idade permanece abstrata. A vida

humana é sempre atividade e realização de metas significativas. Toda e qualquer pessoa em qualquer fase de existência é única no mundo, com uma missão precisa e individual de ser cumprida. Isso não termina aos 60 anos de idade, mas se prolonga por toda vida, no caso do idoso. A eles deveriam ser dadas maiores possibilidades de movimento e de diversão, para que pudessem criar um novo espírito e uma nova mentalidade que os incentivassem a viver com mais entusiasmo, sentindo-se ainda vivos e vitais.

3 O VELHO EM LUIZ VILELA: analisando o conto “O violino”

“O violino”, de Luiz Vilela, conforme apresentamos no início do trabalho, integra a coletânea *O violino e outros contos* (1992) e retrata a história de uma senhora que vivia trancada em um quarto costurando o dia inteiro, e que por entusiasmo e influência de um sobrinho, “renasce” juntamente com um violino que fora encontrado pelo menino em um porão. Entretanto, o estímulo destes é desfeito pela má fé e crítica da família que abomina o fato de a Tia Lázara voltar a tocar o instrumento.

A narrativa tem início com a inocência e curiosidade de uma criança que encontra em um porão um caixote abandonado, que, por sua vez, continha um instrumento que seria capaz de mudar a vida e as emoções de sua tia Lázara, fazendo-a “ressurgir”, como o narrador coloca:

Ao abri-la, senti como se algo, que estivera morto e encerrado ali por muito tempo, de súbito ressuscitasse com a luz e pedisse agora para ser levado de volta à vida que existia fora do porão, cheia de ar, som e claridade. (VILELA, 1992, p. 12)

O instrumento era um violino, e ao encontrá-lo segue-se uma série de reflexões sobre o motivo de aquele violino estar guardado, e sobre quem o tocara no passado. Ao entrar em casa, o menino logo descobre ser Tia Lázara a proprietária do violino. Quando a tia vê o instrumento, fica como que enfeitiçada, com uma expressão de felicidade que o menino jamais vira em seu rosto, e é com enorme ansiedade que o menino espera ver a Tia tocar.

Finalmente soam as primeiras notas musicais e o menino percebe, pela expressão da Tia, sua empolgação ao tocar o instrumento, o que o deixa encantado quando ela toca “Sobre as ondas” para ele ouvir, causando mais ainda admiração com a beleza do instrumento e a maneira que a tia tocava. É um momento de grande emoção que marca o despertar de Lázara para algo que ficara perdido em seu passado, e o menino é capaz de perceber a importância desse resgate para a vida da Tia.

Ao terceiro dia, a notícia de que Tia Lázara voltara a tocar corraera para toda a família, de maneira que já se percebia a mudança em seu semblante,

tornando-a uma nova pessoa. Sendo essa outra pessoa, a verdadeira Lázara e não a que aparentava ser carrancuda, nervosa, calada, triste, pálida.

Muitos da família, ao verem a transformação da Tia, dizem que está “perturbada ou apaixonada”, mas Lázara tão encantada está com a redescoberta do violino parece não se importar com os comentários irônicos. A moça do passado havia ressuscitado e foi essa moça que, sob os protestos dos familiares, abandonou definitivamente a costura. O universo do sonho, tão bem guardado no inconsciente de Lázara, precisou do estímulo de uma criança para que fossem revividas em forma de lembranças. E, quando o passado de emoções veio à tona, Lázara enfrentou toda a família.

O menino era o único que apoiava a Tia de toda a família. Eis que Tia Lázara resolveu dar um concerto público de violino. Em contrapartida, seus familiares tentam dissuadi-la, dizendo que já estava de idade e que ninguém iria ao clube, num sábado à noite, ver uma velha tocando. Auxiliada pelo sobrinho, Lázara prepara tudo para o espetáculo.

Na noite do concerto, surge uma grande preocupação ao perceberem tantos lugares vazios na plateia; no entanto, tentando manter a expressão inabalável, Lázara continuava a tocar. Foi então que percebeu algo estranho: ela não estava tocando com a paixão com que tocava no quarto.

Perante o olhar julgador da sociedade, Lázara não resiste. Foi contaminada pela frieza da plateia. Por um momento, acreditou que podia romper com as amarras sociais, todavia, no palco, o olhar julgador do outro a impede de incorporar a grande musicista. A noite foi um fracasso e os parentes vibram pela volta da tia à costura, que, inclusive, elogiaram seu bom senso, a sua inteligência, a sua coragem de reconhecer o erro. Ao final, Lázara volta ao isolamento do quarto de costura vivendo mais uma vez a sua personalidade de tristeza, reclusão e abandono dos sonhos.

O porão representa o obscuro, o misterioso, o abandono. Nota-se a resistência do garoto em entrar nesse local, ao afirmar que os objetos do porão pareciam dizer-lhe: “Não, não, deixe-nos, pareciam gemer”. E continua o personagem-narrador: “[...] eu caminhava com os passos duros do vivo que vai ver na cova as deformações imprimidas pela morte num rosto belo em vida” (VILELA, 1992, p. 11).

É importante ressaltar que o narrador, ao descrever a busca pelo que há no porão, parece ter o objetivo de desenterrar algo, assim, descobre o violino guardado por trás do baú. O interior do porão representa o interior de Lázara que havia enterrado seus sonhos e uma vida dentro do cômodo da casa.

Dentro de uma caixa de madeira abandonada, o garoto havia encontrado o violino. O instrumento, encontrado por ele no porão, é levado para fora, à luz do dia, nos dando a ideia de nascer, opondo-se a obscuridade. Então, começa a fazer perguntas e levantar hipóteses: “Quem o tocara e por que parara de tocar, tão subitamente que uma corda nova não chegara a ser usada?” (VILELA, 1992, p. 12).

O comentário do menino ao abrir a caixa onde estava o violino faz menção a uma ressurreição do instrumento, que estava abandonado e só em um cômodo da casa, o que remetemos a figura da Tia Lázara em outro trecho do conto em que podemos comparar sua vida com a do violino: “... no quarto, onde ficava o dia inteiro costurando” (Vilela, 1992, p. 13). Assim como o instrumento que estava inútil, assim estava a personagem Lázara, que a medida que envelhecia, entristecia e isolava-se.

Em uma grande curiosidade, o menino então leva o instrumento para alguém explicar de quem ele era. Como os objetos abandonados no porão, Lázara também se deixou abandonar, usando a costura como válvula de escape de alguma possível decepção que a fez deixar de tocar. O encontro do garoto com a tia é bastante significativo. Num primeiro momento há a troca de olhares, paralisação, para depois haver o diálogo. Após tomar o violino em suas mãos, tia Lázara teve uma sequência de reações, sendo elas: um misto de tristeza e alegria, nostalgia, felicidade.

Lázara passa a tocar uma música triste, e nesse momento, seu rosto se ilumina recebendo total acolhimento do menino que lhe diz: “Bonito!”, o sobrinho observa que a tia e o violino formam um só corpo. Há um grande envolvimento entre o menino e a tia, pelo apoio advindo dele, enquanto isso a família aparece se surpreendendo com a mudança do comportamento da costureira. Ninguém sabia explicar por que ela havia parado de tocar, só se sabia que a mulher nervosa e carrancuda se tornava alegre e leve, era “como um túmulo de onde o violino havia ressuscitado a verdadeira mulher” (VILELA, 1992, p. 14). Essa frase estabelece um intertexto com a passagem bíblica, a

ressurreição de Lázaro. No violino, sublima tudo o que gostaria de dizer, mas não pôde. Num outro extremo, a rotina de sua costura é enterrada por ela, para o desgosto da família, já que seu trabalho ajudava no sustento da casa.

Neste sentido, analisa-se o quanto a família tem parcela de culpa pela falta de protagonismo no idoso. De um modo geral, as pessoas preferem que os idosos se isolem, quietos num canto da casa ou num asilo, mesmo que seja um hotel de luxo para idosos, como é bastante comum na atualidade, pelo menos para os mais abastados. No conto de Vilela percebemos que a família de Lázara se posiciona claramente como grande parte das pessoas, afinal, quando ela decide realizar o concerto, “diziam que era passagem da idade”, “diziam que ela havia perdido o bom senso, onde já se viu nessa idade, e que ela ainda haveria de se arrepender seriamente.” (VILELA, 1992, p. 18).

Sem o apoio da família, que no conto representa a sociedade competitiva, sem tempo para dispensar ao ente mais velho e que, por sua vez, demonstra não se preocupar com o outro, acompanhava também a destruição dos desejos da senhora, ao invés de mostrar apoio: “... ela já estava de idade, que ninguém iria ao clube sábado de noite para ver uma senhora de certa idade tocar violino. [...] outra disse que ela não estava habituada, podia ficar muito emocionada na hora e sofrer alguma coisa” (VILELA, 1992, p. 18). A ideia que se constrói é a de que o idoso não precisa ter/sentir mais prazer, felicidade. Tudo que tinha de viver ficou no passado e a velhice acaba configurando o tempo do recolhimento.

O princípio do prazer é novamente soterrado, e a tia tem uma “segunda morte”, reinscrevendo-se o trauma: “Acabara. Acabara tudo. A moça a deixara, a paixão a deixara, a felicidade a deixara, o sonho a deixara. Ela estava morta de novo. Minha tia estava morta” (VILELA, 1992, p. 21). A relação existente entre o menino e a tia é tão intensa que os dois acabam vivendo o mesmo sentimento após o fracasso do concerto. Lázara volta a morrer e o menino morre um pouco com ela: “nunca mais entrei lá”, “nunca mais tornei a vê-lo” (VILELA, 1992, p. 20).

O conto faz alusão à passagem bíblica do Evangelho de João, intitulado: a história do milagre da ressurreição de Lázaro. Portanto, existe dentro do conto uma intertextualidade que precisa ser identificada. Ao dar nome à personagem principal do conto, Vilela usa o feminino do nome Lázaro. Na

passagem bíblica, Lázaro é ressuscitado por Jesus alguns dias após a sua morte. O corpo foi posto em uma caverna na qual a entrada era fechada por uma pedra. Jesus ordena que abram a caverna e traz novamente Lázaro para a vida. Lázaro tinha as irmãs Maria e Marta que o amavam e o acompanhavam. No conto de Vilela, Lázara tem o sobrinho que lhe impulsionava a tocar; sua prisão, seu túmulo, é a condição que a vida lhe impôs, ou seja, a solidão, o abandono.

O narrador personagem da narrativa de Vilela sente-se orgulhoso pelo fato de a tia estar tocando o violino encontrado e principalmente por estar aprendendo com ela: “Isso estimulou minha vaidade infantil, e, com pouco, eu já estava dizendo para os meninos da minha roda que eu sabia falar inglês, francês, italiano e alemão.” (VILELA, 1992, p. 15-16). Dai percebemos mais uma vez que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória dos velhos. Mesmo que não fosse um membro ativo da sociedade, Lázara tinha uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, o que fazia e como aprendeu, pois enquanto ela recorda, vive novamente, apesar de não haver muito de recordação da personagem, pois o conto não fornece elementos que dê conta do passado de Lázara: não ficamos sabendo se ela foi feliz no casamento, se era viúva ou separada, quantos filhos ela teve? Não sabemos. O conto nos dá conta exclusivamente da felicidade momentânea que ela sente ao tocar o violino e termina com seu “enterro” na medida em que se vê obrigada a voltar para sua costura e sua máquina.

Algumas palavras-chaves ajudam o processo de interpretação do conto: o nome da personagem central, a morte, o violino, o narrador e a família. Fazendo a alusão à história bíblica, percebemos que a morte da personagem principal fora causada pela intervenção da família, e que a ação do menino contribuiu decisivamente para ressurreição da tia através da descoberta do instrumento musical escondido, cuja descoberta revela a condição de reclusão em que vivia tia Lázara, que vem á tona depois que o violino é encontrado pelo menino.

Sendo assim, podemos dizer que o conto provoca uma reflexão sobre a condição de reclusão ou solidão do idoso, partindo do pressuposto de que a família é peça fundamental para manter o idoso como parte integrante da sociedade e não como situação de invalidez. Lázara não obteve sucesso em

sua apresentação, no entanto, o que a fez retornar às trevas do quarto de costura foi a falta de apoio dos familiares: “os parentes alegraram-se pela volta de Titia á costura, elogiaram o seu bom senso, a sua inteligência, a sua coragem de reconhecer o erro. [...] Acabara. Acabara tudo. A moça a deixara, a paixão a deixara, a felicidade a deixara, o sonho a deixara, ela estava morta de novo, minha tia estava morta.” (VILELA, 1992, p. 21).

Hoje cada vez mais se aceita a ideia de que as necessidades sociais e psicológicas, peculiares aos idosos, são mais bem atendidas no ambiente ativo e afetivo da família, onde esses tem um papel a desempenhar e se sentem necessários e estimados, sendo preciso que haja uma integração dinâmica entre os membros de todas as idades na família. A solução dos problemas dos idosos não está na multiplicação de abrigos geriátricos, mas, sim, em reexaminar as funções da família. Há necessidade de inovações audaciosas, há que se ter cuidados próprios, cuidados comunitários para que os idosos, bem como seus filhos e netos tenham melhor forma de vida. Enfim, se faz necessário que a família não conduza o idoso ao isolamento, educando os filhos de maneira que valorize e respeite as limitações que a velhice impõe, sem excluí-lo do convívio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes relações existem entre a literatura e a sociedade, uma vez que aquela recria experiências humanas, proporcionando aos leitores a oportunidade de se deleitar, refletir e, assim, ampliar sua visão de mundo, seus horizontes de expectativa. Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a Literatura cumpre uma função social, já que permite aos leitores o conhecimento de si mesmo, pois tem o poder de expressar os sentimentos mais especiais do homem, merecendo, desta forma, a importância e os valores sociais enquanto manifestação artística.

Uma sociedade justa e humana é aquela que acolhe as diferenças e aprende com elas. Por isso deve-se combater a rigidez que discrimina as pessoas em função a idade. Temos de aproveitar a ideia de que na sociedade atual não existe papel somente para o homem exercer, ou a mulher, ou para criança somente agir de tal forma. Vivemos numa dinamicidade, em que há mais tolerância quanto aos novos comportamentos, e, devemos usufruir disso para implantar novos valores em relação à velhice, pois o idoso é o produto final dos valores que foram assumidos durante toda uma vida.

Considerando a obra de Luiz Vilela, mais especificamente o conto “O violino”, tomado para análise neste trabalho, verificamos que a narrativa retrata a experiência do idoso como alguém que busca refúgio na solidão ou no abandono, levado pela situação de desvalorização e inutilidade ofertada pela família e sociedade. Considerando o que dizem as Leis Brasileiras sobre a temática, verificamos que existe um distanciamento entre as teorias de direito que colocam o idoso como elemento importante na construção da história, e a realidade da família e sociedade que pouco se importa com a contribuição dada ou com as funcionalidades dos mais velhos.

A idade avançada não quer dizer apenas restrições de ordem corporal. Ela oferece vantagens. A idade traz muitas vezes experiências no sentido de que se podem ver as coisas por outro ângulo: do divertimento, da experiência, do ensinamento, da contribuição, do orgulho em ter feito... A velhice só se torna uma preparação para morte quando se renuncia a um projeto de vida, quando se mata as esperanças. Tia Lázara, uma das protagonistas do conto de Vilela, enterrou suas esperanças, suas alegrias e prazeres se enclausurando num

quarto de costura, figurando para seus parentes mais próximos simplesmente como um elemento que apenas contribui com o sustento da família. Desse modo, podemos dizer que o conto propicia uma reflexão sobre o lugar que o velho ocupa em nossa família, e, por extensão, em nossa sociedade, que precisa aceitar seus limites e valorizar sua experiência.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Pauliane; SOUSA, Eunice Prudenciano. **O tema da evasão em contos de Luiz Vilela**. Mato Grosso do Sul, Letras & Letras, p. 187-205, 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 19^a ed, 1994.

BRASIL. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 25/04/2018.

BRASIL. **Legislação sobre o idoso**. Brasília: Edições Câmara, 2011.

CEREZOLI, J. **A morte em Luiz Vilela: “enquanto dura a festa”**. Akrópolis Umuarama, v. 20, n. 1, p. 03-10, jan./mar. 2012.

FERREIRA, Yvonélio Nery. **Humanismo e ironia nos contos de Luiz Vilela**. Uberlândia – MG, Programa de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NEVES, Lucas Rodrigues. **A simbologia dos nomes em “Tremos de Terra”, de Luiz Vilela**. Mato Grosso do Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, 2017.

OLIVEIRA, Edson Santos. **Encenações do trauma: leitura de “O Violino” de Luiz Vilela e “Cantiga de esponsais”, de Machado de Assis**. Reverso, vol. 36, Nº 67, Belo Horizonte, 2014.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. **“Era aqui”, ficção e sociedade em um conto de Luiz Vilela**. Mato Grosso do Sul, Revista Alere, Programa de Pós Graduação em Estudos Literários – PPGEL – Ano 05, Vol 06, Nº 06, 2012.

VILELA, Luiz. **O violino e outros contos**. 2^a ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.